

O Porto bebido e revivido

Antônio Torres

*Para Manuel Dias, amigo dos anos bebidos,
e reencontrado, com um cálice de Porto.*

1.

Esta história começa na *Regaleira*, na rua Bonjardim, numa noite de verão do ano de 1965. Personagens à mesa: o Sr. Coelho, um homem elegante, empertigado, calvo e poderoso; um irmão dele - talvez se chamasse José -, de aparência modesta, como se a sua falta de capricho na maneira de vestir-se fosse uma estratégia, para não ofuscar o brilho do outro, notoriamente mais importante e vaidoso; os demais, num grupo de seis pessoas, eram da mesma família, moças e rapazes que pareciam só ter olhos e ouvidos para o digníssimo cavalheiro que, naturalmente, iria pagar a conta. Havia, porém, um corpo estranho nesse quadro familiar: um brasileiro de 24 anos, recém-chegado de São Paulo, para trabalhar como redactor de uma agência de publicidade em Lisboa, chamada Belarte, uma empresa que, como o seu dono, tinha a sua origem no Porto, onde mantinha a sua sede ou casa-matriz. O Sr. Coelho - eis o homem -, achou que era pelo Porto mesmo que o brasileiro faria o seu baptismo de fogo. Os dois, o patrão e o empregado, chegaram por via aérea, no final de uma bela tarde de domingo. Quando o avião começou a descer, o Sr. Coelho fez o brasileiro olhar pela

janela, dizendo-lhe: "O senhor está a chegar a uma cidade de heróis." Ao dizer isso, esboçou um sorriso, não apenas satisfeito por haver produzido uma frase de impacto (não fora ele o dono de uma agência de publicidade), mas por estar prestes a pôr os pés no chão onde havia nascido. Em seguida, tirou do bolso um espelhinho e um pente. Mirou-se no espelho, que segurava com a mão esquerda e, com a mão direita, ajeitou cuidadosamente os cabelos que ainda restavam, nas laterais da cabeça. Voltou a sorrir. O brasileiro achou que era bom trabalhar para um homem feliz, que, com toda a certeza, devia se considerar um herói, por ser um filho do Porto. Só não entendia porque esse homem tão feliz o chamava de "senhor." Que infelicidade! No Brasil, isto era uma consideração para com os mais velhos ou uma formalidade para com os superiores hierárquicos. Lá não era costume chamar-se um jovem de "senhor." Tratando-o assim, o Sr. Coelho fazia-o sentir-se um ancião, aos 24 anos. Em terra, uma caravana os aguardava. O irmão do Sr. Coelho parecia indócil, ao perguntar, várias vezes, pelo *brasuca*, que se sentiu uma ave exótica ao ser chamado desta maneira. Mas logo percebeu o tom afetuosos do tratamento. Foi recebido com efusivos votos de boas-vindas. Nada mal, para começar.

Do aeroporto seguiram todos para o Grande Hotel do Império, na Praça da Batalha. O Sr. Coelho e o seu redactor importado de São Paulo subiram aos seus quartos, que ficavam lado a lado, lá deixaram as suas malas e voltaram imediatamente ao saguão, para juntarem-se novamente à comitiva e seguirem com ela até à *Regaleira*, onde o brasileiro seria batizado com vinho verde na sua opípara primeira noite no Porto.

A mesa regalava-se a cada garrafa comandada pelo Sr. Coelho.

"Embriagai-vos! De vinho, de poesia ou de virtudes!", pensava o brasileiro, já um leitor de Charles Baudelaire. Mas o irmão do Sr. Coelho tinha pensamentos mais prosaicos. Queria saber se era verdade que os papagaios do Brasil falavam. Ao saber que sim, e que alguns até cantavam o Hino Nacional, ele entrou em êxtase, como se acabasse de ouvir a coisa mais extraordinária que alguém já tivesse lhe contado. E, revirando os olhos, com o enlevo de uma criança, confessou o maior sonho de sua vida: "Ah, gostava muito de ter um papagaio. E dos mais faladores!"

O brasileiro, embora sensibilizado com o desejo do seu afável interlocutor, o senhor portuense que o recebera tão efusivamente, temeu pelo rumo da conversa. E não sem razão. Não demorou muito para o irmão do Sr. Coelho dar a cartada definitiva, ao perguntar se ele por acaso tinha prestígio suficiente no Brasil para mandar vir de lá um papagaio. E agora? Papagaio! (No Brasil, essa exclamação significava: - Caraças!). Como sair dessa, sem deixá-lo desapontado? A situação não era das mais fáceis, até porque o homem era irmão do patrão. Naquele momento ele, o brasileiro, deu voltas à cabeça. Finalmente entendia a razão da ansiedade daquele que tanto havia perguntado, no aeroporto, se o *brasuca* viera, e de todos os salamaleques da recepção. Tudo por um papagaio! - Temos problemas em relação a isso - disse o brasileiro. - A fiscalização da Sociedade Protetora dos Animais é muito rigorosa com a saída de aves e pássaros do Brasil. Há uma lei que proíbe isto.

Ufa! Foi duro dar essa resposta àquele que tanto sonhava ter um papagaio. O homem murchou. E emudeceu, num deplorável estado de desilusão. Não seria de estranhar se, mais tarde, na

calada da noite, ele viesse a dizer para o irmão que a vinda do brasileiro não tinha valido a pena. Uma providencial voz feminina quebrou o silêncio, que já se tornava tenebroso:

- Tem piada! Ele é brasileiro mas não se parece com os outros.

- Como assim?

- Ele não tem os cabelos encaracolados como os outros.

O estranhamento tinha a sua razão de ser. De brasileiros ela só conhecia os jogadores que atuavam no Futebol Clube do Porto, a cada temporada, pelo visto todos negros. Ele aproveitou a oportunidade para esclarecer que seu país era multifacetado, multiracial, multicultural, multítudo. O Sr. Coelho, que o ouvia com atenção e interesse, de repente se deu conta de que algo errado havia acontecido à mesa: o brasileiro havia deixado muita comida em seu prato. Num tom de voz exasperado, perguntou:

- Por que o senhor come tão pouco? É para não perder a elegância?

O brasileiro assustou-se com a pergunta, para a qual não tinha uma resposta convincente. Distraíra-se com a conversa, com o vinho, com o brande depois do café... sabia lá por quê! Ou, vai ver, a *Regaleira* o deixara com saudades de um bar paulistano chamado *Baiúca*, onde, àquelas horas, o Zimbo Trio podia estar tocando: "Esta noite / quando eu vi Nanã / vi a minha deusa / ao luar..." E onde, no fim da madrugada, o último pianista tocaria *Round About Midnight*, a música dos músicos, a trilha sonora das noites das cidades grandes, São Paulo, Rio de Janeiro, Nova York, Paris. Qual seria a música do Porto?, ele se perguntava, quando a voz do Sr. Coelho interferia em seus pensamentos, superpondo-se aos sons transatlânticos que vinham em camadas, na sua memória auditiva - o piano, a bateria, o contrabaixo, Tom Jobim e Baden Powell, o sax de John Coltrane, o trompete de Miles Davis. - Imagine se comêssemos tão pouco como o senhor! Como poderíamos ter dado um Dom Afonso Henriques, aquele que, com uma única mão, sustentava uma espada de oitenta quilos?! - disse-lhe o Sr. Coelho, visivelmente contrariado.

Todos riram às bandeiras despregadas, como se o patrão tivesse contado uma anedota impagável. E quem é doido de não rir de anedota contada por um

patrão??? O brasileiro também riu. Aquela história de Dom Afonso sustentar uma espada de 80 quilos, com uma única mão, tinha piada, sim senhor. Não disse, mas pensou: "Caro Sr. Coelho: vim aqui para escrever os seus anúncios. E não para levantar espadas."

E assim terminou a primeira noite dos meus 15 dias no Porto, daquela vez. Houve outras. A penúltima durou 1 ano e 6 meses. E cá estou novamente.

2.

28 de Janeiro de 2000.

O brasileiro voltou e já está à porta da *Regaleira*, depois de um bordejo de reconhecimento da cidade, capitaneado pelo professor Arnaldo Saraiva, que o levou primeiramente a revê-la de cima, para a reconstituição de sua memória visual, como num feixe de imagens do tempo a ser reconquistado. Tudo como dantes: há 35 anos também não faltou quem o levasse a contemplá-la das alturas, no outro lado do rio. É vendo-a de cima que se percebe que esta cidade foi uma fortaleza que não facilitava a entrada dos seus invasores d'antanho. Percebe-se mais: que o seu casario, tão esplendidamente fotogénico, sobe a encosta na mais perfeita harmonia, como se cada casa tivesse sido montada por um artesão, que depois a encaixou à mão, tomando todo o cuidado para não destoar dos demais, que por sua vez haviam-se desempenhado com o mesmo critério e rigor. É de cima que se vê melhor o quanto o rio é baixo: suas águas ficam muito aquém das ribanceiras. Foi lá de cima, de um deslumbrante posto de observação, que, por um breve momento, tentei rever a mim mesmo, ou, pelo menos, um pedaço da minha juventude, quando perambulava no sobe-e-desce do lado histórico da cidade, que tanto fez parte da história de um pedestre anónimo, sem eira nem beira, no entanto a sonhar todos os sonhos do mundo, e que a um só se resumiam: tornar-se um escritor.

E nisto o Porto não me negou fogo, nas noites e dias gelados de seus longos invernos, nas suas chuvas de granizo a chicotear-me a cara, nos seus nevoeiros a fazer-me andar às cegas, nos seus verões de São Martinho em pleno novembro, quando a cidade sombria

multicoloria-se, levando todos às tascas, na mais fantástica e compreensível das comemorações, em homenagem àquele que, por um período que em geral durava três dias, governava o Porto, fazendo jus a seu epíteto de astro-rei.

Havia sol também nessa tarde de Janeiro. Um sol esmaecido a produzir um efeito especial sobre o colorido das pontes, monumentos, paredes, portas e janelas. Como as águas do rio, tudo se doura, sob a luz tênue do entardecer. Suaviza-se a cidade granítica, que um dia a mim pareceu ter gerado homens empedernidos, que, subconscientemente, viviam a levantar espadas de 80 quilos, e com uma única mão! Ora viva: este brasileiro tem que reconhecer a sua dívida de gratidão para com esta cidade que um dia lhe pareceu de pedra até a alma, naqueles idos dos 60, nos estertores do reinado de Dom António de Oliveira Salazar, diga-se. Como no título de Alexandre O'Neill, *Feira Cabisbaixa*, os homens aqui pareciam viver encastelados num círculo de desesperança, a darem voltas em torno da sua melancolia, como em todo o País. Nestas circunstâncias, espaço e tempo, o Porto franqueou-me um laboratório para o meu processo criativo: aqui encontrei o cenário e os personagens de um romance chamado *Os Homens dos Pés Redondos*. São estes personagens e este cenário o que tento reencontrar agora, ao chegar à *Regaleira*, embora já sabendo que a cidade já não é a mesma de trinta e cinco anos atrás: repaginou-se, cedendo às pressões do inescapável destino da modernização, aqui, registre-se, encontrando soluções arquitetónicas surpreendentes, ao estabelecer um visível equilíbrio entre passado e presente, tradição e modernidade. Mas vamos à *Regaleira*, que, trinta e cinco anos depois, continua no mesmo lugar. Com a sua mesma porta escura e o mesmo cartazete nela afixado: "Tripas à moda do Porto."

Lá dentro, porém, já não parece mais a mesma. Entro e páro. O balcão, onde o ator João Guedes - que morava em Matosinhos - e eu bebíamos cerveja acompanhada de tremoços, às vezes contando com a alegria da presença da actriz Isabel de Castro, em temporada no Teatro Experimental do Porto, bem, o balcão da *Regaleira* parece mudado.

Ficou maior e pior. Há agora um certo aspecto de decadência e vulgaridade num ambiente que antigamente assemelhava-se a um santuário, de tão intimista e aconchegante. No balcão, onde o João Guedes citava de memória trechos e mais trechos do *Grande Sertão: Veredas*, o romance monumental do brasileiro João Guimarães Rosa, para os seus amigos que aqui vinham reencontrá-lo sempre, o que há agora é tão somente um solitário leitor de um jornal desportivo. É uma noite de sexta-feira e, estranhamente, só uma mesa do restaurante está ocupada, por um casal de idade avançada. Pelo visto, a *Regaleira* já conheceu noites mais felizes. Saudades do Sr. Coelho e seus familiares. Muito mais ainda do João Guedes. *Tempus fugit*. Como a música do pianista norte-americano Bud Powell. Deixo a *Regaleira* e me ponho a andar. Vou até a esquina, à procura de uma tasca chamada *Maria Rita*. Ali, um desenhador chamado De Jesus, sempre com uma tesoura ao bolso e dizendo que iria enfiá-la na barriga do seu chefe, no dia seguinte, e o cabo Emílio, que toda a noite contava a mesma história, na qual se via como um herói, quando, ao prestar serviço militar em Macau, deu um murro num tenente que lhe roubara a namorada, e fora posto num navio de volta, para amargar 5 anos de prisão - pois estes dois memoráveis personagens do Porto já não estão entornando um copo atrás do outro, na *Maria Rita*, pela simples razão de que aquela tasca não existe mais. E eles? Ainda estarão vivos? E o que fizeram ou fazem de si mesmos? Vagueio pela Bonjardim em sentido contrário. Dou de cara com o luzidio edifício de 5 andares, que era um dos pilares do dinheiro do Porto. Ostentava na fachada um logotipo formado por 3 letras: BPM. Um artifício, que transformou uma casa bancária em "Banqueiros." Era isso o que dizia o "B" do logotipo, fazendo-se passar por "Banco." O PM significava Pinto de Magalhães, quem não sabe? Cá estou a ver o Sr. Afonso, um homem muito simples, de origem humilde, que começou como cambista de moedas na fronteira da Espanha, ao tempo da guerra: ele está atendendo a várias chamadas telefónicas ao mesmo tempo, do Brasil, de Paris, de Nova York. Ao seu lado, de pé, o seu genro Rodrigo segura-lhe os fones, fazendo as trocas

de instante a instante, para que o sogro converse um bocadinho com um, depois com outro, volte àquele cuja conversa foi interrompida e assim vai. Bom e obediente rapaz, esse seu Rodrigo. Sogro e genro já não pertencem a esse nosso mundo. O BPM também já morreu. O seu edifício ostenta agora o logotipo de outro banco.

Logo por ali, na Sá da Bandeira, 56, último andar, ficava a Pali - Publicidade Artística Ltda. Laborei lá durante um ano e meio, trazido de Lisboa por um brasileiro, que por sua vez foi importado da Mac-Cann Erickson do Rio de Janeiro pelo banqueiro Afonso Pinto de Magalhães. E assim o carioca Eugénio Lyra Filho transformou um departamento de publicidade em agência, e a agência em mais uma empresa do conglomerado BPM. O bom Lyra também já se foi, lá no Rio. E onde estariam os outros camaradas desse tempo, como o belga René Coomans e o velho Mário Frazão? Foi dele que ouvi uma sábia declaração, sacramentada por um brande: "Escuta-me, rapaz. Bom não é ser pai. Bom é ser avô. O pai reprime. O avô deixa o neto fazer o que quiser." Ele acabava de ganhar um neto. Estava em estado de graça. Impossível recordar o Frazão sem um bocadinho de afeto.

Ninguém mais precisa me dizer que *A Brasileira* está fechada. Meninos, eu vi. Era em torno dela que homens soturnos gravitavam, até ficarem de pés redondos. Mas o *Majestic* continua vivo e ainda aqui, com toda a sua majestade, na rua de Santa Catarina, onde morei, lá mais para cima, dividindo um apartamento com o ator Luiz Alberto. Lembranças de um médico chamado Jorge Tunhas, que aqui lia um livro atrás do outro, enquanto aguardava ser chamado para a guerra. Uma noite, à véspera do embarque, tomou um pifa daqueles! Saiu urrando pelas ruas. Urros lancinantes, como uma fera ferida. O horror da guerra. O *Magestic* me recorda também uma moça que, nos fins de tarde, entre um café e outro, me ensinava inglês. No *Magestic* começo a leitura do *Primeiro de Janeiro* pelo expediente. Quero ver se o Manuel Dias ainda está lá e se já é o seu Director de Redacção, Editor-Chefe, qualquer coisa assim. Importante! Lembro-me dele como um gajo esperto, rápido, criativo e... bom de copo!

Se talento vale alguma coisa neste mundo, Manuel Dias já deve ser o dono do *Primeiro de Janeiro*. Decepção: o nome dele sequer figura no expediente. Deixo o jornal de lado. Não tem Manuel Dias? Não vai ter este leitor. Falta-me coragem para subir a rua de Santa Catarina até o prédio onde morei. Saudades do Sr. Soares, o zelador. Ele adorava uma bagaceira, que bebia escondido de dona Angelina, nos fundos de uma pequena mercearia, no outro lado da rua. Depois da terceira dose, puxava a carteira do bolso e dela retirava um retrato de dona Angelina quando jovem: "Ela é bonita, não é?" - dizia, embevecido. Não dava para discordar dele. Mesmo entrada em anos, dona Angelina continuava uma mulher muito bonita. Todo domingo, religiosamente, ele assava um bacalhau, que cobria com imensas rodela de cebola. E eu que não fizesse a desfeita de faltar ao seu almoço, servido sempre na sua pequena área de serviço. Jamais alguém neste mundo assou um bacalhau tão bom quanto o do Sr. Soares. Uma noite, dona Angelina me chamou à sua casa. Ele estava de cama e queria que eu fosse visitá-lo. Fui imediatamente. Sentei-me ao seu lado, perguntando se queria que chamasse um médico. Disse que não. Já estava entupido com remédios. De pé no quarto, dona Angelina reclamava: o marido não podia continuar bebendo do jeito que bebia, diariamente. Pediu-me para lhe dar uns conselhos, enfim, que o fizesse parar de beber. Enquanto ela saía resmungando, o Sr. Soares ordenou-me que levasse a mão por debaixo da cama, depressa, antes que a sua mulher voltasse. Obedeci-lhe. E fiz a caça ao tesouro escondido. Entreguei-lhe a garrafa. Com uma sofreguidão infantil, o Sr. Soares destampou-a e sorveu um trago. Depois estalou os beiços e sorriu, contente da vida. Ao se recuperar da doença, procurou-me para dizer que dona Angelina o havia proibido de beber. Estava muito infeliz por causa disso, numa desolação de dar dó. Dei-lhe uma cópia da chave do meu apartamento, dizendo-lhe que quando sentisse vontade de um copo, era só ir lá e procurar um garrafão que estava na cozinha. Seus olhos brilharam. Ele voltava a ser uma alma deste mundo. Eu não podia negar esse favor ao homem que fizera de tudo

para impedir os moradores - todos os moradores! - de me expulsarem do prédio, por causa da música que eu ouvia e de uma festa que promovi, para as bailarinas e bailarinos da Gulbenkian, em apresentação na cidade. O Sr. Soares conseguiu impedir a minha expulsão com um argumento tirado da manga, como o jogador que puxa a última carta, ainda que seja um blefe: "O senhor doutor não conhece bem os seus inquilinos" - disse ele ao proprietário do prédio, acrescentando: "Dia destes, às duas horas da manhã, uma moradora do segundo andar me acordou para fazer calar um cachorro que latia na rua. Isso é lá trabalho de um zelador?" O Sr. Proprietário sorriu e respondeu-lhe que podia ir-se, mas que recomendasse ao brasileiro para não mais fazer barulho. Estava farto de reclamações. Grande Sr. Soares. Nenhum advogado teria feito melhor. "A partir de agora, abaixe um pouco a música, senão vou ficar desmoralizado" - sentenciou o meu competentíssimo defensor. No dia em que fui embora ele não apareceu. Dona Angelina chegou até a porta do edifício para um abraço de despedida. "E o Sr. Soares?" Ela então esclareceu que ele se recusara a se despedir de mim. Na verdade, estava de cama. Havia adoecido, ao saber que eu ia partir. Que porra. Ele doente e eu não iria estar mais ali, para caçar o tesouro debaixo da cama, o único remédio que seria capaz de curá-lo, junto com o meu afeto, quem sabe. Recordações à mesa do *Majestic*, observando um cavalheiro de seus trinta e poucos anos, impecavelmente vestido, que pede café e água, depois abre o seu *laptop*, colocado sobre o sofá, e começa a trabalhar, como se estivesse em casa ou no seu escritório. De repente o seu telemóvel toca. Ele leva a mão ao bolso, pega o aparelho e atende a ligação telefônica. Depois, recoloca o telemóvel no bolso e volta à sua lida, em frente do computador. Passado algum tempo, desliga-o. Quando volto a observá-lo, vejo que ele tem uma mão sobre o *laptop* e a outra está a mexer e remexer com a colherzinha no açucareiro, e a olhar fixamente para a parede de vidro na frente do café. Penso ter finalmente reencontrado um remanescente - ou herdeiro - dos homens dos pés redondos, por este olhar tão parado e

penetrante, como se fosse furar a parede. Era uma cena típica da *Brasileira*. Mas as minhas recordações dizem menos respeito ao cidadão com todo o jeito de executivo da era yuppie, do que de amigos de um outro tempo: onde estará e o que faz hoje o publicitário Carlos Guimarães, que me deu guarida, enquanto eu procurava um lugar para morar? Foi na casa dele que eu vi, pela TV, o Brasil levar uma surra de Portugal, na Inglaterra, na Copa do Mundo de 1966, o ano do Eusébio. E o lisboeta Manuel Pena Costa, director da Manpower Portuguesa, ainda passa temporadas por aqui, na condução de seus negócios, e a sorver uma ginginha, depois do expediente, para espantar o frio? E a actriz Alina Vaz, que papel andará desempenhando? A ex-Miss Objectiva de Portugal Lydia Franco terá voltado a apresentar-se aqui com o balé da Gulbenkian? Em que palco o Luiz Alberto será encontrado? E Isabel Ruth, terá voltado ao Porto, depois daquele ano em que actuou no filme *Mudar de Vida*, de Paulo Rocha, rodado ali perto, em Furadouro-Ovar? E Paulinha Guedes, que conheci criança e se tornou uma bela actriz, alguma vez revisitou Matosinhos? O realizador de cinema José Fonseca e Costa ainda se lembrará que foi ele quem me trouxe de carro, num belo dia ensolarado, quando vim para morar, deixando-me na *Brasileira*, aos cuidados do Carlos Guimarães?

Essa peregrinação memorialística vai levar a uma notícia triste: amanhã o Manuel Dias nos informará, a mim e ao professor Saraiva, que o nosso grande amigo Alberto Sérgio, o bancário e jornalista esportivo, já não poderá mais, nunca mais, ser convidado para o almoço, como nos velhos tempos. Faz um ano que ele mudou-se do Porto para a cidade dos pés juntos. E assim, o *meu* Porto revivido não deixou também de ter uma nota de melancolia, como

que saída de uma página de Scott Fitzgerald, num de seus textos mais candentes, intitulado *Minha Cidade Perdida*.

3.

O meu centro de gravitação no Porto era esse mesmo que é chamado de "cidade histórica." Das sombras do BPM à rua de Santa Catarina, almoço e jantar no *Rei dos Fritos*, na Praça de São Lázaro, onde havia um reservado para a malta da Escola de Belas Artes, a do Teatro Experimental e este redactor. Ao final das refeições, uma moça chamada Izilda, filha do dono da casa, trazia as contas e um livro comprido, no qual cada um procurava o seu nome e anotava a sua despesa do dia, para pagar no fim do mês. Especialidades do *Rei dos Fritos*: tripas à moda do Porto (naturalmente) e papas de sarrabulho. Mas o cardápio era bem variado. Ali comia-se a gosto, fartamente, e barato. E ainda com a vantagem do *pendura*. Depois do almoço, café com brande no *Belas Artes*, na outra ponta da Praça de São Lázaro. Quando o dinheiro dava, íamos ao *Chez Lapin*, na Ribeira, agora o *point* da moda, da *muvinca* (tradução: agito, barulho, ajuntamento de pessoas, para beber, namorar, divertir-se), com todas as inconveniências disto, não certamente para os negócios. Fora deste polígono, fico perdido, ainda mais agora, com as mudanças que a cidade sofreu, principalmente para além do seu perímetro histórico. Talvez precisasse morar mais um ano e meio no Porto, para adaptar-me às exigências que a contemporaneidade lhe impôs, e aceitá-las sem traumas, como o fazem seus habitantes, com uma indisfarçável orgulho. A questão é simples e compreensível: se revivi o seu lado antigo e pouco ou nada vivi o novo, é porque foi no Porto histórico que tive uma história. Seja como for, "Biba o Puerto, carago!"